

## **A imagem européia/alemã do Brasil: os viajantes, os escritores, o cancionero popular.**

Prof. Dra VALBURGA HUBER - Fac. Letras – UFRJ

Ante a realidade nova e diferente da América, os descobridores utilizam para descrevê-la e explicá-la, os mitos antigos como o do Jardim do Éden, da Idade do Ouro e do Eldorado. Como mostra Sérgio Buarque de Holanda na sua obra *Visão do paraíso*, a multiplicidade de concepções do paraíso que impregna e interpenetra as tradições greco-romanas e judaico-cristãs, propicia as mais diversas especulações que se propagam através dos séculos nas várias manifestações literárias. A representação paradisíaca do Brasil coaduna-se com o significado da expressão "Novo Mundo", assim definida por ele:

Novo não só porque ignorado, até então, das gentes da Europa (.....) fora "novamente encontrado", mas porque parecia o mundo renovar-se ali, e regenerar-se: vestido de verde imutável, banhado numa perene primavera, alheio à variedade e aos rigores das estações, como se estivesse verdadeiramente restituído à glória dos dias da criação.<sup>1</sup>

A idéia do paraíso remonta ao Gênesis bíblico. Trata-se do Jardim do Éden representado por um espaço ideal, no qual o homem é pleno e a harmonia total e onde nossos pais primevos, Adão e Eva, criados por Deus, vivem, pois, na mais completa felicidade, só interrompida com a desobediência por provarem o fruto da árvore do conhecimento, pelo que são castigados e passam a viver como seres humanos, com todas as suas necessidades e sofrimentos.

Em outras partes da Bíblia, há mais alusões ao paraíso, como o episódio referente à Terra de Canaã, prometida aos judeus depois do cativeiro no Egito, "uma terra onde correm leite e mel" e ainda as menções ao novo céu e à nova terra, presentes no Apocalipse. Ao mito do Éden mescla-se o mito grego clássico da Idade do Ouro e dos Campos Elíseos, o das Ilhas Afortunadas, o do Jardim das Hespérides, época primordial em que havia felicidade completa, da qual só resta a lembrança. Os mitos da tradição

judaico-cristã e greco-romana mesclam-se e são reatualizados nos grandes descobrimentos.

Desde a crença na existência real do Éden bíblico dos primeiros séculos cristãos, tanto o topos "non ibi frigus non aestus" como o "locus amoenus" atravessam toda a época medieval alcançando também os tempos modernos. A idéia do paraíso durante a Idade Média e à época dos grandes descobrimentos encanta os europeus de um modo geral e a crença na realidade física e atual do Éden parece indiscutível, desencadeando no navegador, descobridor, colonizador dos séculos XVI e XVII, o anseio de encontrá-lo e usufruí-lo. Assim, o homem quinhentista e seiscentista, fascinado ante a paisagem vista ou descrita do Novo Mundo, projeta nela justamente os elementos paradisíacos do seu imaginário: a eterna primavera, vegetação verde e exuberante, temperatura amena, ar puro, frutos belos e saborosos, terras férteis e plenas de riquezas, flores perfumadas e coloridas, árvores frondosas, pássaros melodiosos, águas cristalinas, ausência de doenças e sofrimentos, fartura de alimentos e harmonia entre os seus primeiros habitantes e os animais. Trata-se, literalmente, do Éden bíblico, transposto para a terra.

Os europeus que chegam ao Brasil igualmente projetam seu imaginário sobre as terras encontradas, para poder descrevê-las aos seus compatriotas, e estes identificam nestes escritos sobre a nova paisagem, sobretudo aquilo que corresponde às suas fantasias. Já nos primeiros documentos sobre o Brasil, vemos a descrição de suas características edênicas. As cartas de Américo Vespúcio, Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gandavo e Gabriel Soares confirmam e reforçam, no imaginário europeu, a imagem idealizada que este já tem do Brasil. As mentes européias têm, assim, a sua fantasia realimentada e transferida aos viajantes que, em diferentes épocas, o reatualizam em contato com a nova realidade.

Seguindo a trajetória histórica dos alemães que estiveram no Brasil desde os

primórdios, refeita por Celeste Ribeiro de Sousa<sup>2</sup>, vemos que desde o seu descobrimento, o Brasil é visitado por alemães, a começar pelo famoso Hans Staden. Já em 1557, ele publica em Marburg, um livro conhecido como *História Verdica*, onde narra suas experiências vividas no Brasil, seu aprisionamento entre os índios Tupinambá e sua posterior fuga para a Alemanha. Mais de 50 edições são feitas desta narrativa, o que prova que ela foi amplamente lida, não só na Alemanha, como também em toda a Europa através de diversas traduções. Um número crescente de alemães passa, então, a visitar o Brasil e a escrever sobre suas experiências.

Carl Fouquet em *O emigrante alemão*, mostra que no tempo de Carlos V (1550), há notícias de alemães que conseguem se estabelecer em Pernambuco e, entre 1630 e 1654, alemães participam da ocupação holandesa no Brasil. Georg Markgraf é, por exemplo, um dos muitos pesquisadores que estiveram no Brasil nesta época e escreve a *História Naturalis Brasiliae*, publicada em 1648.

Há alemães entre os jesuítas, sobretudo a partir do século XVIII e no final daquele século e início do século XIX, vários alemães vêm ao Brasil nas forças portuguesas que guardam as fronteiras da colônia. Entre os que ficam famosos estão Johann Anton Böhm, Johann Karl August von Oeynhausen-Grevenburg, mais tarde, por ordem de D. Pedro I, Marquês de Aracati, e Wilhelm Ludwig Freiherr von Eschwege

No século XIX o número de alemães que vêm ao Brasil aumenta, sobretudo a partir de 1817, com a chegada de Dona Leopoldina, filha do imperador da Áustria, à corte de D. João VI no Rio de Janeiro, para se casar com D. Pedro I. Sua presença atrai ao Brasil, artistas e cientistas de origem alemã e inicia-se a imigração alemã oficial (1824).

Entre os pesquisadores alemães destacam-se Johan Baptist Spix, zoólogo e Karl Friedrich P. von Martius, botânico, que vêm ao Brasil em 1817, aqui permanecendo até 1820, fazendo pesquisas e levantamentos da flora e

fauna brasileiras que mais tarde são publicados em livros, hoje famosos. Também Adalbert von Chamisso participa de uma viagem exploratória ao Brasil e em 1836 são publicadas as suas observações sobre o nosso país no livro *Viagem à volta do mundo* (Reise um die Welt). Antes disso, em 1817, é publicado *Viagens no Brasil* (Reisen in Brasilien) de Heinrich Koste e, em 1819, *Novíssimo retrato do Brasil* (Neustes Gemälde von Brasilien) de C. A. Fischer.

Entre os numerosos viajantes alemães do século XIX, alguns são estudados por Lilian de Abreu Pessoa, na sua tese "A imagem do Brasil na literatura de viagem alemã do século XIX" na qual ela analisa viajantes de profissões e objetivos diversos, através de cinco textos-chave. São eles, o texto do artista – *Viagem pitoresca através do Brasil* (Malerische Reise in Brasilien) (1835) de Moritz Rugendas; o texto do aventureiro – *Dez anos no Brasil* (Zehn Jahre in Brasilien) (1835) de Carl Seidler; o texto do cientista – *Viagem ao Brasil* (Reise nach Brasilien) (1853) de Hermann Burmeister; o texto do colono – *Memórias de um colono no Brasil* (Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz São Paulo in Brasilien) (1858)- de Thomas Davatz e o texto de propaganda *O que Jorge conta sobre o Brasil* (Was Georg seinen deutschen Landsleute über Brasilien zu erzählen weiss) 1863), de Joseph Hoermeyer. Naturalmente há nuances de um texto a outro, como a autora mostra no seu trabalho, mas há neles uma visão dicotômica do Brasil, sendo a natureza brasileira, com sua pujança tropical, o paraíso, e o homem brasileiro – sobretudo a população mestiça – uma espécie de anti-paraíso, visão que expressa, segundo a autora, um choque de culturas e preconceitos típicos do século passado.

Seguindo parte da seleção de textos referentes ao topos edênico de Lilian de A. Pessoa e outros por nós selecionados, vemos que o texto de Rugendas (o artista)<sup>3</sup> é descritivo, sendo sua sensibilidade artística despertada ao contemplar a natureza em torno a baía da Guanabara, como neste trecho do seu livro *Viagem pitoresca através do Brasil*, (tradução de

Sérgio Milliet):

A mais ou menos uma légua do Rio de Janeiro, um riacho se precipita dos cumes mais elevados do Monte Tijuca e joga-se de uma parede rochosa (.....) A riqueza da vegetação é imensa e a umidade agradável, a frescura desse lugar, parecem dar-lhe um vigor novo e realçar a magnificência de suas cores, de maneira que o brilho das flores que se vêem nos arbustos, nas árvores e nas plantas, só é ultrapassado pela multidão e a magnificência das borboletas, dos colibris e de outros pássaros de variada plumagem que aí procuram abrigo contra o ardor sufocante do sol.<sup>4</sup>

O "locus amoenus" desta descrição de Rugendas, surge na descrição pitoresca da paisagem de beleza sem par, que vai se tornando cada vez mais imponente, atingindo seu ponto alto no momento em que um riacho precipita-se dos cumes mais elevados da Mata da Tijuca. A riqueza da natureza é realçada através do conjunto floresta virgem/queda d'água e Rugendas encerra a descrição observando que somente o esplendor das aves e borboletas que procuram proteção do calor ardente do sol, suplanta a imensa beleza desta exuberante vegetação.

No texto de Carl Seidler (o aventureiro)<sup>5</sup> vemos como os passageiros do navio que avistam a paisagem do Rio de Janeiro, sentem-se "magnetizados", paralizados ante a "festa divina da natureza" (tradução de Bertholdo Klinger):

Silenciosos estávamos no convés, em bem-aventurado encantamento, como se um relâmpago nos houvesse carregado de leve magnetismo; a boca não tinha palavras; só as mãos, que mutuamente apertávamos em adoração sem palavras, vibravam convulsas sob a pressão amistosa do entusiasmo e da despedida. É a festa divina da natureza.<sup>6</sup> Aqui os que avistam a paisagem do Rio de Janeiro, sentem-se "magnetizados", paralisados ante a "festa divina da natureza."<sup>6</sup>

O texto de Hermann Burmeister (o cientista),<sup>7</sup> por sua vez, descreve o Rio de Janeiro com cores edênicas, fruto do seu encantamento ante a variedade e beleza da paisagem (tradução de Manoel Salvaterra e Bertholdo Klinger):

"Era lá que eu me deixava ficar horas a fio entregue aos meus pensamentos, enquanto meu filho caçava insetos nos arbustos e arvoredos, embebendo-me do encanto de tal panorama. Impossível transmitir por meras palavras, as emoções que de mim se apoderavam, bem como descrever a paisagem que se me oferecia. É preciso ir, ver e pasmar-se. Mesmo aquele que diariamente repetisse o passeio sentir-se-ia sempre empolgado e maravilhado, e cada vez mais – tão belo e sublime é o cenário."<sup>8</sup>

Thomas Davatz (o colono)<sup>9</sup>, em seu livro *Memórias de um colono no Brasil* (1850), realça as florestas virgens na sua majestade, a variedade de madeiras nobres e também em sua densidade e seus perigos. Há, assim, fascínio e temor ante a selva virgem, que ele descreve na seguinte passagem (tradução de Sérgio Buarque de Holanda):

....crescem as opulentas florestas virgens brasileiras que vestem imensas extensões e fazem um quadro pitoresco e majestoso, mas suscetível de se tornar uma cena de martírio e inanição para o viajante que nelas se perca.....erguem-se a peroba, o cedro, a canela, a guaraita, o carete, as palmeiras e outras árvores umas ao lado das outras O aparecimentos simultâneo nos mesmos sítios das espécies virgens mais diversas constitui uma das peculiaridades dessas florestas.<sup>10</sup>

Joseph Hoermeyer (o propagandista)<sup>11</sup>, ressalta em suas obras naturalmente apenas os aspectos positivos do país, usados para convencer e aliciar colonos alemães a vir para o Brasil, pois a preferência é na época, a emigração para os Estados Unidos. É o que vemos neste trecho, ilustrativo da visão edênica do Brasil, onde o autor canta o clima ameno, os aromas, as formas das montanhas, as belezas da baía, do mar e da cidade espraiada. (tradução de Bertholdo Klinger):

Era um julho, no meio do inverno brasileiro mas, mesmo em tempo tão matinal o ar era tépido: e o vento da terra trouxe aos nossos narizes..... aroma tão agradável de plantas e flores, que aumentou, se possível fosse, o nosso desejo de ir para terra. E não havia ninguém a bordo, cujo coração não pulsasse de encanto quando, de repente, o sol se elevou, mostrando-nos a maravilhosa baía com as belas formas de serras de todos os lados e, ao fundo, em massa crescente, na tranqüila água azul da baía, as muitas e belas ilhas com as suas palmeiras e árvores viçosas, bem perto de nós.<sup>12</sup>

Todos esses viajantes do século XIX, expressam seu encantamento ante a paisagem brasileira que se lhes afigura como um paraíso de vegetação variada, com imensas florestas, fauna e flora de grande riqueza e colorido e clima ameno.

No século XX, com o aprimoramento dos meios de transporte e de comunicação, a imagem do Brasil chega com muito mais facilidade à Europa e aumentam os livros sobre os mais diversos aspectos do Brasil.

Entre os inúmeros relatos alemães de viagem sobre o Brasil, figuram livros como *Terra escaldante. Uma viagem ao Brasil (Heisses Land. Eine Reise nach Brasilien)*, de Norberto Jacques (1924); *O navio da floresta virgem (Das Urwaldschiff)*, de Richard Arnold Bermann (1927) ou *O pastor na floresta virgem (Der Pfarrer im Urwald)*, de Siegfried von Vegesack (1962).

Na diversificada literatura referente ao Brasil em nosso século, há ainda livros como *Brasilien, ein Land der Zukunft (Brasil, um país do futuro)* de Heinrich Schüller (1912) e *Brasil hoje e amanhã (Brasilien heute und morgen)* de Fritz Köhler (1926), entre outros.

Há muitos trabalhos na área etnográfica, mas pode-se observar que entre os exploradores alemães que se ocuparam do Brasil está Theodor Koch-Grünberg, que passou vários anos de sua vida convivendo com os índios selvagens da Amazônia. Sua experiência é registrada no livro *De Roraima ao Orinoco (Von Roraima zum Orinoco)*, 1916-1917, lido por Mário de Andrade e Raul Bopp no seu grande interesse pela Amazônia no Movimento Modernista.

No âmbito da filosofia, Graf Hermann Keyserling traça um perfil do comportamento sul-americano e, portanto do brasileiro, na obra *Meditações sul-americanas (Südamerikanische Meditationen)*, publicada em 1933, sendo este autor também convidado pelos modernistas a ir a São Paulo e falar sobre sua obra<sup>13</sup>.

Mais recentemente, são publicados livros como *Brasil, futuro para todos? (Brasilien, Zukunft für alle?)*, de Heinzbernd Krauskopf (1980); *Crianças de favela (Favela Kinder)*, de Ute Cramer (1982) e *Os direitos dos índios no Brasil (Indianes Rechte in Brasilien)*, de Aloys Ignatz Wellen (1986).

Podemos ver, assim, que os alemães, como os europeus em geral, têm seu imaginário constantemente realimentado pelos viajantes, escritores e estudiosos do Brasil, ao longo dos séculos até os nossos dias.

O olhar de fora e a edenização da terra predominam nos textos tanto dos cronistas portugueses como dos viajantes alemães nas suas descrições da terra brasileira. Esse olhar europeu sobre a terra das Américas já foi devidamente analisado por teóricos da contemporaneidade como Todorov, sobretudo em seu livro *A Conquista da América*<sup>14</sup> onde afirma que a descrição e comentários sobre as Américas, desde a sua descoberta, seja em literatura, ou em outras formas narrativas como correspondências, diários e crônicas, estão baseados no imaginário europeu medieval. Este imaginário é formado a partir das narrativas de viagem ao Oriente, retomado como descrição da América por Colombo e continuado pelos cronistas e historiadores europeus em geral.

Como mostra Ivia Alves<sup>15</sup>, na historiografia literária brasileira, a imagem edênica do mundo passou dos textos dos cronistas portugueses para os textos dos cronistas brasileiros. A imagem do Brasil, de certa forma, fica cristalizada por uma maneira de ver o mundo, como a de Gandavo e Gabriel Soares, por exemplo, fundamentada na concepção de que a beleza e a riqueza da terra dispensam a intervenção do homem na natureza, que forma um tipo de imagem positiva do país ainda muito disseminada.

Os textos dos primeiros cronistas articulam-se, pois, com as primeiras manifestações literárias onde aparece a edenização da terra e são mais tarde resgatados para ancorar a idéia de nação. Os românticos tomam-nos como modelo, dando-lhes continuidade, construindo a idéia da terra paradisíaca das obras de Gonçalves Dias e José de Alencar, entre outros.

A imagem edênica do Brasil infiltra-se também na literatura *stricto sensu*, tendo sido estudada por Celeste Ribeiro de Sousa em *Retratos do Brasil – Hetero-imagens literárias alemãs*, onde é analisado um vasto repertório de 33 obras, de autores que vão de Grimmshausen, G.Keller e Goethe, passando por Brecht, Döblin, Kaschnitz a Hugo Loetcher e Hohler.

Esta autora mostra-nos como na Alemanha, por exemplo, o Brasil já aparece mencionado no romance *Simplicius Simplicissimus* de Grimmelshausen (1668). Neste romance são narradas as aventuras de um jovem na conturbada época da Guerra dos 30 anos. O Brasil aparece nos sonhos do herói como uma terra de livre comércio, de paz e abundância, de animais exóticos e fartura, uma espécie de paraíso terrestre.

Grimmelshausen é, também, cronologicamente, o primeiro autor a aludir ao índio brasileiro. Superficialmente, pois surge na imagem de um ídolo pagão, já que o conceito de paganismo e primitivismo confundem-se neste contexto. Desta perspectiva, o índio brasileiro é o ser primitivo, natural, não batizado, não tocado pela civilização, que se contrapõe ao homem europeu, católico e civilizado

Goethe, por sua vez, dedica três poemas ao índio brasileiro: "Canção de morte de um prisioneiro", "Canção de amor de um selvagem" e "Brasileiro". Esses poemas de Goethe são, na verdade, traduções versificadas de determinados trechos de prosa escritos por Montaigne e publicados em seus *Essais*. Esses trechos em prosa de Montaigne, por sua vez, são traduções por ele realizadas de dois cantos indígenas oriundos do continente sul-americano e apresentam reflexões sobre a civilização européia em comparação com o estado selvagem natural dos índios e seus costumes como o canibalismo. Goethe interessava-se muito pelo Brasil e, além de ler Montaigne, mantinha correspondência e contatos com Spix e Martius, por exemplo, bem como com o Dr. Pohl e Eschwege<sup>16</sup>. A figura do índio de Goethe plasmada por Montaigne, como nobre selvagem, é uma metamorfose do homem edênico.

Outro romance em que aparece o Brasil, é *Martin Salander* (1896) de Gottfried Keller, que narra os reveses profissionais e financeiros de um jovem na burguesa sociedade suíça do século XIX e que escolhe o Brasil para fazer fortuna – o que realmente consegue depois de superar muitos problemas. O Brasil representa assim o Eldorado, o país das oportunidades.

Em todas as obras literárias analisadas por Celeste Ribeiro de Sousa, de um modo geral, o espaço brasileiro é visto pelos autores estrangeiros, ora como paraíso terrestre (com elementos de bucolismo plácido, refúgio político, força telúrica produtiva), ora como paraíso interior, (fuga de pressões sociais e políticas na terra natal, ou busca da perfeição como ser humano, próximo à experiência do sagrado) ou ainda como paraíso destruído (o *locus horridus*), associado à idéia de destruição da natureza e dos problemas sociais das cidades. Este lado urbano negativo tem, todavia, a função de ressaltar, por contraste radical, a imagem edênica da natureza.

O habitante do Brasil, por sua vez, aparece do ponto de vista do homem de cultura alemã, plasmado essencialmente em três diferentes tipos: o índio, o estrangeiro e o brasileiro. Neste caso, o índio apresenta-se ora como estereótipo do ser primordial, elemento integrante da paisagem edênica, com todas as suas delícias, ora puro e inocente, ora agressivo e exótico. As personagens brasileiras, em grande parte, aparecem de forma negativa nas obras analisadas, inseridas num grupo que impede sua evolução ou organização sistemáticas. Os brasileiros associados à vida nas cidades como a face negativa, encarnam teorias medievais de degradação da vida nos trópicos, retomadas no século XIX, sobretudo quanto à classificação das raças em superiores e inferiores, com clara base etnocêntrica européia. Os estrangeiros, nas obras analisadas são, muitas vezes, imigrantes de cultura alemã, sobretudo a partir do século passado, tentando realizar aqui seus sonhos e utopias e assim eles são um elo entre o espaço brasileiro e o espaço mítico do paraíso ou Eldorado. Geralmente estes imigrantes têm uma história de sucesso, dedicando-se, com freqüência à cultura da terra fértil, criando as colônias alemãs, pequenos paraísos, Canaãs ou Eldorados. As eventuais histórias de fracasso são, geralmente, superadas pela esperança de riqueza e prosperidade.

As recriações poéticas da paisagem brasileira nessas obras são freqüentes, para fazê-la corresponder a uma imagem criada, *a priori*, pelos europeus

com raízes nos mitos clássicos. A paisagem torna-se, assim, espaço idealizado, muitas vezes não correspondendo à real geografia brasileira. O europeu projeta suas utopias no Novo Mundo à procura dos arquétipos, do espaço e do tempo paradisíacos. Conclui-se que o mito edênico, expressão do desejo inerente ao ser humano de transcender sua condição humana, contingente e imperfeita, em busca de uma felicidade original perdida é constantemente reatualizado e sobrevive ao longo da história. Além dos livros de aventura e viagens, são justamente as obras literárias que garantem sua longa existência. Sinteticamente podemos ver que a imagem do Brasil – um imagotipo – torna-se uma metáfora e uma alegoria usadas pelos autores citados para expressar seus anseios por felicidade e paz interior. Pode ser, portanto, uma imagem edênica do paraíso configurada por nuances várias e pode ser uma imagem de degradação. A imagem edênica preponderante remete-nos para a paisagem natural, enquanto a imagem degradada, de menor incidência, aponta para o Brasil urbano e para a população. É o que vemos nas conclusões do livro da autora:

.....essas imagens se prendem sobretudo ao espaço natural e estão mais ligadas à geografia mítica do Novo Mundo do que à geografia física e humana..... Fica evidente que a diversidade cultural brasileira, aliás sua grande riqueza social, não é compreendida. Na verdade, a imagem do Brasil, em essência, ainda se encontra vinculada a fantasias referentes ao continente recém-descoberto, isto é, a mitos da Conquista. Se os escritores estudados no presente trabalho, em sua maioria e independentemente da época, se atêm mais à imagem fantasiosa do Brasil do que à sua imagem real, é porque esta imagem constitui, antes de tudo, uma metáfora expressiva do anseio humano pela felicidade plena.<sup>17</sup>

Muitos dos imigrantes alemães (entre eles artistas e professores) que chegaram ao Brasil a partir de 1824, em fluxo mais intenso por volta de 1848 e 1870, certamente tinham lido ou recebido informações sobre as obras de escritores como Grimmshausen, Goethe, G. Keller e sobre as dos viajantes mais conhecidos, e seu imaginário incorporou essa imagem do país para o qual emigravam. Neste imaginário só cabiam mitos, sonhos e utopias, havendo pouco espaço para análises ou ponderações racionais. O livro de Carlos Fouquet, *O Imigrante Alemão*,<sup>18</sup> nos dá significativas informações

sobre o imigrante e os motivos que o levaram a emigrar. Foram, sobretudo, necessidades financeiras e condições precárias de sobrevivência na Alemanha, tanto materiais como sociais, que motivaram a emigração. Os alemães, como todos os outros imigrantes, estão à procura de uma vida melhor num mundo novo, o que está sintetizado na expressão "fazer a América". Há grande heterogeneidade de razões menores como a ânsia por

maior liberdade religiosa e política, espírito aventureiro e desejo de conhecer outras terras, principalmente tropicais. Também os alemães estão dentro da emigração em massa<sup>19</sup> para o continente americano, sendo que para a América Latina isso deu-se nas últimas décadas do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX.

Além disso, o imaginário europeu é estimulado e alimentado pelas notícias nos jornais e pelas informações fornecidas pelos agentes de imigração que disseminam e alimentam o lado dourado da emigração, principalmente em determinadas regiões onde encontram maior receptividade por serem os problemas sociais mais graves. (O governo alemão chega a reagir contra a "febre da emigração" e seus excessos, através de decretos para proteger o emigrante, elaborando a "Lei sobre o transporte de imigrantes" de 1853 e a "Lei sobre a imigração de 1898", sem nunca chegar, porém, a detê-la completamente).

O espaço geográfico dos alemães do século XIX, quando ocorre a mais forte onda emigratória, é constituído de um mosaico de reinos e principados, dos quais o mais poderoso, de maior influência política e cultural é a Prússia. Vive-se uma época de grande descontentamento popular com o regime monárquico, marcado pelos restos do feudalismo. Os camponeses sofrem com a concentração de terra em mãos da aristocracia, dona do poder e nada disposta a renunciar a seus privilégios, em meio a impostos exorbitantes, crescimento da população e estagnação dos meios de produção. Essa vida

difícil induz um número sempre maior de cidadãos a buscar uma vida próspera e livre em outras terras e, assim, a América em geral torna-se pólo de grande atração para os europeus.

Os livros de viagem, bem como as cartas e relatos de emigrantes que já haviam vivido ou viviam no Brasil também assumem papel relevante no processo emigratório por suas recomendações e advertências. Além dos inúmeros viajantes que aqui estiveram e escrevem livros de viagem, também fundadores de colônias como o Dr. Hermann Blumenau e pastores como Gustav Stutzer têm suas obras divulgadas na Alemanha, sendo os de Stutzer *No Brasil e na Alemanha* (In Deutschland und Brasilien) e *Minha Teresa – a vida agitada de uma mulher alemã* (Meine Therese. Aus dem bewegten Leben einer deutschen Frau) (1917)), livros que alcançam dezenas de edições alemãs.

Selecionamos, a título de ilustração, algumas canções que se espalham entre o povo e são cantadas pelos que querem emigrar da Alemanha, que expressam bem a atmosfera que envolve a questão da emigração para o Brasil. Carlos Fouquet cita o livro de H. Semper *O Brasil na canção alemã* (manuscrito), e também a coletânea de Feeden e Smolka, de onde provêm as seguintes composições:

Canção tocada no realejo e cantada na região do Hunsrück:

.....

Joca, Joca, vem comigo	<i>Hannes, Hannes, zieh mit mir,</i>
Vamos embora para o Brasil,	<i>Nach Brasilien wandern wir</i>
País gigantesco onde as batatas	<i>In das Land so riesengroß</i>
São do tamanho de uma cabeça.	<i>Die Grumbiern wie ein Kopf so gross</i>
Todos os dias mataremos um leitão	<i>Und jeden Tag schlacht man ein Schwein</i>
E o regaremos com o melhor dos vinhos.	<i>Und trink dabei den besten Wein.</i>

.....

Portanto, Joca, não perca tempo	<i>Drum Hannes, Hannes, säume nicht,</i>
Que o navio na Holanda não espera.	<i>Das Schiff in Holland wartet nicht</i>

Nesta canção vemos o Brasil como uma terra imensa, terra da abundância, da fertilidade, uma Canaã onde há colheita abundante de batatas, mesa farta com carne e vinho.

Continuando, lemos da mesma canção:

Lá não se trabalha por um parco soldo	<i>Man schafft nicht dort um knappen Sold</i>
A terra é dourada de tanto ouro.	<i>Die Erde strotzt von lauter Gold.</i>
É um pedaço do paraíso	<i>Das ist ein Stück vom Paradies</i>
Que Deus deixou para os pobres	<i>Das Gott den armen Menschen ließ</i>
Que todos os dias em desespero lhe rogam	<i>Die täglich flehn in tiefer Not</i>
Por um pedaço de pão.	<i>Um ein kärglich Stücklein Brot.</i>
Preocupações lá não teremos,	<i>Dort gibt es keine Sorgenlast</i>
Descanso e paz lá encontraremos.	<i>Und jeder findet ruh und Rast. -</i>
Oh Joca, Joca não te demores	<i>O Hannes, Hannes, säume nicht</i>
Não desprezes a sorte que nos bafeja	<i>Verachte nicht des Glückes Licht.</i>

O Brasil é o Eldorado, "a terra é dourada de tanto ouro", "um pedaço do paraíso", um Éden na terra e quem para ela parte será agraciado pela sorte, riquezas minerais, bons salários e alimentos abundantes.

O fervor religioso também incentiva a emigração, como nesta canção da mesma região alemã – o Hunsrück:

Deus nos deu este destino,	<i>Durch Gott sind wir berufen,</i>
Do contrário não nos viria esta idéia.	<i>Sonst kam's uns nie in Sinn.</i>
Assim cremos e emigramos	<i>So glauben wir und wandern</i>
Seguindo a ordem Dele.	<i>Auf sein Geheiß dahin...</i>
.....	.....
Deus falou a Abraão	<i>Gott sprach zu Abraham:</i>
Sai da tua terra	<i>Geh aus von deinem Land</i>
Para a terra que eu te indico	<i>Ins Land, das ich dir zeige</i>
Pela minha forte mão	<i>Durch meine starke Hand</i>
Também nós cremos firmemente	<i>Auch wir vertrauen feste</i>
Em Deus e Sua santa palavra	<i>Auf Gott, sein heilig Wort,</i>
E assim daqui partimos	<i>So gehen wir von dannen</i>
E ao Brasil nos dirigimos	<i>Jetzt nach Brasilien fort.</i>

Nesta canção vemos claramente o paralelo bíblico: assim como Abraão leva os hebreus para Canaã, a terra prometida, assim também os emigrantes interpretam seu desejo de partir como obediência a um chamado divino para uma nova e rica terra. Ancorados na fé e guiados por Deus, vão para a terra que Ele lhes destina.

A coletânea "Canção Popular" do professor suave Sater obtém várias versões com variações, em diversas regiões da Alemanha, Erzgebirge, Odenwald, Francônia, Hunsrück e mesmo fora dela, como na Rumênia e na Rússia:

Chegou o tempo e a hora  
Nós vamos partir para a América  
Os cavalos já estão atrelados  
Nós partimos para uma desconhecida Terra

.....

O café cresce em todas as árvores  
E seu consumo é livre para todos

.....

Como todos sabem, os peixes são grandes  
Nós os pescamos até com a mão

.....

As batatas parecem massapão  
Cada pé produz três arrobas  
Vamos para a terra onde o verde é eterno,  
E onde até no inverno florescem rosas!

*Nun ist die Zeit und Stunde da,  
Wir ziehen nach Amerika.  
Die Pferde sind schon angespannt,  
Wir ziehen in ein fremdes Land*

.....

*Der Kaffee wächst auf jeden Strauch  
Und frei steht jedem der Gebrauch;*

.....

*Die großen Fische, wie bekannt,  
Die fängt man dort mit bloßer Hand*

.....

*Kartoffeln gibt's wie Marzipan,  
Na jedem Stock drei Scheffel dran;  
Wir ziehn ins Land, wo immer grün  
Und selbst im Winter Rosen blühn!*

Esta canção ressalta a ansiedade por partir e chegar a uma terra bela e fértil – sendo o café, uma referência ao Brasil – com sua eterna primavera e abundância. As grandes esperanças são expressas em hipérbolos que dão à canção um tom ingênuo, mas que caracteriza a nova terra como a terra da promessa, onde o "café cresce em todas as árvores" e "seu consumo é livre", onde os "peixes são pescados com a mão", "as batatas em profusão" pois "cada pé produz três arrobas", onde o "verde é eterno" e as "rosas florescem até no inverno".

Igualmente no Volga, os alemães cantam:

O carro já está em frente à porta,  
Partimos com mulher e filharada,  
Emigramos para a terra prometida,  
Ali se encontra ouro como areia.  
Tra-lará-lá, tra-lará-lá  
Logo, logo estaremos no Brasil!

*Der Wagen steht schon vor der Tür.  
Mit Weib und Kindern ziehen wir,  
Wir ziehen ins Gelobte Land,  
Da findet man das Gold wie Sand.  
Tra-lara-la Tra-lara-la,  
Bald sind wir in Brasilia!*

A alusão clara ao Brasil, torna-o a Canaã ("terra prometida"), o Eldorado dos imigrantes "onde se encontra ouro como areia".

Em 1848 os panfletos em Munique, dizem:

Para o Brasil, para o Brasil!  
Meus sentimentos agora me levam,  
Para onde há vagalumes saltitantes,  
E jacarés ameaçadores,  
Onde ousados mandrís  
Pulam em meio a plantas raras  
Para lá, meu velho, deixe-me ir!

*Nach Brasilien, nach Brasilien!  
Reißen mich jetzt die Gefühlingen,  
Wo der Käfer leuchtend hüpfet,  
Wo sich bäumt der Krokodile,  
Wo verwegen der Mandrile  
Durch die seltnen Pflanzen schlüpfet -  
Dahin, Alter, laß mich ziehn!*

Aqui é exaltado o Brasil tropical, exótico, com seus animais belos e ameaçadores" que deixam o imigrante fascinado ("vagalumes saltitantes", "jacarés ameaçadores", "plantas raras").

Além das canções dirigidas à alma simples do povo, Fouquet mostra também como vários poetas escreveram sobre a emigração, tema muito em voga na época do seu apogeu, por volta de 1850, e que perdurou até o final daquele século. Ele aponta Goethe entre os poucos a recomendar a emigração, pois versos de sua autoria eram frequentemente citados pelos que emigravam como, por exemplo, "O mundo é suficientemente vasto, para que nele nos dispersemos" (*Dass wir uns in ihr zerstreuen, darum ist die Welt so gross*). É verdade que estes versos deixam margem à indagações se Goethe se referia a emigração como ela é entendida hoje. O mesmo ocorre com os famosos versos do seu livro *Wilhelm Meisters Wanderjahre*:

Ficar, ir;  
Ir, ficar  
Seja agora igual para o homem capaz  
Onde produzimos algo de útil  
Esse é o lugar que melhor nos serve

.....  
No lugar em que as terras aráveis  
São entregues ao forasteiro,  
Lá nos fixemos,  
Unamo-nos lá,  
Apressai-vos em emigrar

*Bleiben, Gehen,  
Gehen, Bleiben  
Sei fortan dem Tücht'gen gleich,  
Wo wir Nützlichendes betreiben,  
Ist der werteste Bereich*

.....  
*Wo dem Fremdling reicher Massen*

*Ackerfeld ist zugeteilt,  
Siedeln wir uns an mit andern.  
Eilet, eilet, auszuwandern.*

Em contrapartida, poetas como Ferdinand Freiligrath, Hoffmann von Fallersleben, Anastacius Grün e, sobretudo, Ernst Moritz Arndt (deputado da Assembléia Nacional na malograda Revolução de 1848) poeta das guerras de libertação contra Napoleão, levantam forte libelo contra a emigração. Isto pode ser verificado, já em 1851, no poema de Arndt "Os soldados emigrantes alemães", onde são mencionados os soldados que vieram lutar no Brasil – aqui chamados "os Brummer" – que foram abandonados à própria sorte.

O minha Alemanha, porque cresce dia a dia a tua dor  
Teus melhores filhos já não encontram mais lugar na própria terra

.....

Dor que nenhuma canção pode cantar  
Tragédia que palavra alguma pode contar  
Teus combatentes esquecidos, relegados à própria sorte  
Por sua pátria precisam então partir,  
Partir atrás de utopias, para o Brasil  
E mendigando percorrer terras?

*O mein Deutschland, will dein Jammer breiter, täglich breiter werden?  
Finden deine besten Söhne keinen Platz auf deutscher Erden?*

.....

*Jammer, den kein Lied kann singen!  
Unheil, das kein Wort kann fassen!  
Also müssen Deine Streiter,  
Kampfs- und glücks- und landsverlassen,  
Nach Utopien, nach Brasilien  
Bettelnd durch die Länder streichen?*

A imagem do Brasil como Éden impregna, portanto, também muitas canções populares. Certamente este aspecto da imagem do Brasil é o mais conhecido e popular à época das primeiras emigrações. É preponderante a face paradisíaca que chamamos de imagem arquetípica. Predominam, nesta imagem – como já mencionado - os seguintes elementos: a eterna primavera, a vegetação exuberante e verde, ar puro, águas cristalinas, ouro/riqueza, flores coloridas, pássaros melódiosos, animais exóticos, espaços imensos (como as florestas e os campos), a harmonia entre o homem e a natureza, abundância e liberdade. A imagem arquetípica, base

das intertextualidades que levantamos neste trabalho é, pois, a imagem fantasiosa do Brasil, que está ligada sobretudo às várias versões do mito do Éden e tem as cores e as luzes que evocam a felicidade das origens.

---

## Notas

<sup>1</sup> HOLANDA, Sérgio B. *Visão do Paraíso*. Ed. Nacional/EDUSP, 1969, p.104.

<sup>2</sup> SOUSA, C.R de. Introdução do livro *Retratos do Brasil – Hetero-imagens literárias alemãs*. São Paulo: Arte e Cultura, 1996, p. 11-21.

<sup>3</sup> Rugendas fez duas viagens ao Brasil, sendo a primeira de 1821 a 1825 como desenhista do botânico Langsdorf e a segunda entre 1831 e 1847, quando residiu alguns anos no Brasil, o qual percorreu de norte a sul retratando-o em milhares de desenhos e aquarelas hoje famosas no mundo inteiro.

<sup>4</sup> "Etwa eine Legoa von Rio de Janeiro stuerzt sich ein Bach, der auf den höchsten Spitzen des Berges Tijucca entrspringt, von einer Felsenwand des Berges gegen 150 Fuss hoch herab. (...) Der unendliche Reichthum der Vegetation, welche durch die wohlthätige Feuchtigkeit und Kühle der Ortes neue Kraft und vermehrte Pracht der Farben zu erhalten scheint, wird nur durch die Menge der herrlichsten Schmetterlinge, Kolibris und anderer bunter Vögel übertroffen, welche hier Schutz vor der gluehenden Sonnenhitze suchen." In: *Malerische Reise in Brasilien*, de Moritz Rugendas (referente à prancha "Cascata da Tijuca") Faksimilie-Ausgabe der Original Ausgabe, Engelmann, Paris/Mühlhausen, 1835, p. 21.

<sup>5</sup> Carl Seidler veio para o Brasil em 1825, engajando-se no exército de D. Pedro I na Guerra Cisplatina. Aqui permaneceu durante dez anos, podendo observar aspectos políticos e sociais do Império.

<sup>6</sup> "Schweigend standen wir in seligem Entzücken auf dem Verdecke, als hätte uns ein Blitzstrahl mit leisem Magnetismus beruehrt; die Zunge fand kein Wort; nur die Hände, die wir uns in stiller Andacht reichten, zuckten krampfhaft unter dem Freundschaftsdruck der Begeisterung und des Abschiedes. Das ist die Gottesfeier der Natur". In: *Zehn Jahre in Brasilien*. Quedlinburg, 1835, p. 23-24.

<sup>7</sup> Burmeister foi eminente naturalista, professor em universidades alemãs, publicou livros de Zoologia e Geologia e participou da frustrada Revolução de 1848, depois da qual se afastou da política. Em 1850 veio ao Brasil pela primeira vez, voltando em 1856 e em 1860 fez outra viagem a diversos países da América Latina, fixando-se, por fim, em Buenos Aires, onde foi professor da universidade e diretor de um museu de História Natural por ele fundado. No seu livro *Reise nach Brasilien (Viagem ao Brasil)* ele mostra aspectos da fauna, flora e modo de vida brasileiros, sendo outro documento importante da vida do II Império no Brasil.

<sup>8</sup> "Ich habe hier stundenlang in mich versunken gestanden, wenn mein Sohn an den umherstehenden bluehenden Sträuchern Insekten fing.und die Wonne des Anblicks so recht in mich hineingesogen; aber eben deshalb fühle ich die Unmöglichkeit um so deutlicher, solche Empfindungen durch Worte wieder zu geben und anderen zu schildern. Man muss selbst hingehen, sehen und staunen; denn wer ihn auch täglich wiederholen wollte diesen Gang, immer würde er aufs Neue sich überrascht, mit verstärkter Macht vom Anblick sich hingerissen fühlen." In: *Reise nach Brasilien*, Druck u.Verlag von G.Reiner, Berlin, 1853, p.93-103.

<sup>9</sup> Thomas Davatz veio da Suíça em 1855 à procura de vida melhor e foi trabalhar como colono, na Fazenda Ibicaba do Senador Vergueiro em São Paulo, onde convive com escravos negros. Predominava o sistema de parceria iniciado por Vergueiro e os estrangeiros que, às vezes, assinavam contratos que não entendiam, geralmente favorecendo os fazendeiros. Devido a diversas divergências e precárias condições de trabalho, liderou uma revolta dos colonos suíços em 1856, sendo induzido a voltar a sua

terra no ano seguinte, onde escreveu o livro com sua visão crítica do Brasil do século XIX, sendo o único que representa a visão do colono da época.

<sup>10</sup> (...) da stehen die üppigen Urwälder Brasiliens, die in ungeheuern Strecken sich ausdehnen, ein malerisches, majestätisches Ansehen gewähren, aber auch ein Gefängnis und Verschmachtungsort für den Wanderer werden können, der darin den Weg verliert. (...) stehen dort folgende Laubholzbäume, Peroba, Cedro, Canella, Guaraita, Carette, Palmite und andere ziemlich durcheinander. Das Durcheinanderstehen der verschiedenen Holzarten ist eine Eigenthümlichkeit der dortigen Wälder". In: Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz St. Paulo in Brasilien. Druck von Leohn. Hitz, Chur, 1858, p.11-12.

<sup>11</sup> Joseph Hoermeyer foi capitão de infantaria, lutou contra o ditador argentino Rosas (1851-54), fazendo parte, assim, da segunda geração de mercenários europeus contrastados pelo governo brasileiro, conhecidos como "Brummer". Sua tropa passa por necessidades com o atraso dos soldos e o não cumprimento da promessa do governo de conceder terras férteis aos oficiais. Assim, de volta a Alemanha, escreve diversos livros sobre o Brasil, em especial o sul do país, que se tornam trabalhos de divulgação do Brasil para incentivo à imigração alemã, pois intencionava-se substituir, gradativamente, os escravos negros por colonos europeus. Era a época da "Lei von der Heydt" (1859) que proibia a vinda de prussianos e a propaganda fazia-se sempre mais necessária.

<sup>12</sup> "Es war im Juli, also mitten im brasilianischen Winter; aber selbst bei so früher Zeit war die Luft lau, und der Landwind trieb unsern (...) Nasen so würzige Düfte von Pflanzen und Blumen zu, dass unsere Sehnsucht nach dem Lande sich wo möglich noch steigerte. Und als nun plötzlich die Sonne sich erhob und uns die wunderschöne Bai so recht herrlich zeigte mit den schönen Bergformen nach allen Seiten, und nach dem Hintergrunde zu immer grösseren Massen anwachsend, im ruhigen blauen Wasser der Bai die vielen schönen Inseln mit ihren Palmen und sonstigen üppigen Laubbäumen, gleich bei uns." In: *Was Georg seinen deutschen Landsleuten über Brasilien zu erzählen weiss*. Commission der Rein'schen Buchhandlung, Leipzig, 1863, p.74-75.

<sup>13</sup> Fato relatado por Augusto Massi na Introdução da *Poesia Completa de Raul Bopp*, p.22: "As idéias de Keyserling exerceram grande influência sobre Mario de Andrade e Oswald de Andrade. A convite deste último, o filósofo alemão visitou São Paulo, onde, em 15 de outubro de 1929, proferiu uma conferência. Essas informações reforçam a hipótese de que Bopp tenha travado contato não só com *O mundo que nasce*, mas também com as *Meditações Sul Americanas*..."

<sup>14</sup> *A conquista da América: a questão do outro*, S. Paulo, Ed. Martins Fontes, 1993, p. 25. Nele Todorov emprega a expressão "admiração intransitiva da natureza" que significa a exaltação e valorização da terra descoberta.

<sup>15</sup> Cf. "O discurso europeu e a questão da identidade cultural do Brasil". In: *Anais do 5º Congresso da ABRALIC*, 1996, p. 387-390. Sobre edenização da terra brasileira, a autora afirma: "Subjacente às primeiras produções escritas sobre o Brasil e tendo, posteriormente, como escritores nativos, eclesiásticos letrados, a visão de mundo edênico.... passou dos primeiros textos dos portugueses do século XV para os dos brasileiros do século XVII. A imagem do Brasil ficou, de certa maneira, congelada por uma maneira de ver o mundo pelos ouvidos (narrativas orais de marinheiros e viajantes), sem ser superada por um conhecimento racional, sistematizado, onde se dá prioridade à observação. Em outras palavras, a imagem edênica ficou presa a uma forma de conhecimento na qual as fronteiras entre o real e o imaginário são difusas. Mesmo quando já havia interesse pela flora e pela fauna brasileira pelos naturalistas, suas sistematizações só começam a ser incorporadas pela literatura nos meados do século XIX quando a imagem edênica já se consolidara....." Ela descreve a série histórica de obras onde esta edenização persiste da seguinte forma: "Gandavo, com sua *História da província de Santa Cruz que vulgarmente chamamos Brasil*, é de 1576. Gabriel Soares de Souza escreve a *História da província de Santa Cruz*, ainda no final dos anos quinhentos. Frei Vicente do Salvador escreve sua *História do Brasil* em 1627. Botelho de Oliveira publica *Música no Parnaso* em 1705. Inclui a "Silva à Ilha de Maré", mais alguns anos vem a "Ilha de Itaparica" de Frei Santa Maria de Itaparica. Rocha Pitta, integrante de uma das academias, publica a *História da América Portuguesa* em 1730.

Deixando de lado os árcades, essa linha irá ter os seus dois representantes máximos a partir de 1840.... São eles Gonçalves Dias com a "Canção do Exílio", publicada nos *Primeiros Cantos* de 1847 e José de Alencar dá forma à edenização com *O Guarani* de 1857 e em *Iracema* de 1865".

<sup>16</sup> Ler a este respeito "O Brasil na obra de Goethe" de Celeste Ribeiro de Sousa. In: *Forum Deutsch* – Revista Brasileira de Estudos Germânicos, v.IV, Rio, 2000, p. 26-43.

<sup>17</sup> SOUSA, Celeste Ribeiro de. *Retratos do Brasil – Hetero-imagens literárias alemãs*, São Paulo, Ed. Arte e Cultura, 1996, pg. 209, 211-212.

<sup>18</sup> No capítulo "O imigrante e sua terra natal" o autor explana os diversos motivos que levaram emigrantes de língua alemã (provenientes das mais diversas regiões européias) a deixarem sua terra natal em busca de um mundo melhor.

<sup>19</sup> Cf. artigo "Migração internacional na história das Américas" de Herbert S. Klein, no livro *Fazer a América*, p. 14-31. O autor mostra como, entre 1800 e 1930, cerca de quarenta milhões de europeus migram para os novos países. No período anterior a 1880, predominam os europeus do norte e no período entre 1881 e 1915, europeus do leste e do sul. Os Estados Unidos estão em primeiro lugar como país receptor de imigrantes, seguindo o Canadá, a Argentina e o Brasil.

## **Bibliografia:**

### **6.1. Fontes Primárias**

BURMEISTER, Hermann. *Reise nach Brasilien durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Gerais*. Berlin: Georg Reimer, 1853.

\_\_\_\_\_. *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Manoel Salvaterra e Hubert Schoenfeldt. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1980.

DAVATZ, Thomas. *Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz St. Paulo in Brasilien*. Chur: Druck von Leonh Hiss, 1858.

\_\_\_\_\_. *Memórias de um colono no Brasil*. Trad. Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1980.

HOERMEYER, Joseph. *Was Georg seinen deutschen Landsleuten ueber Brasilien zu erzaehlen weiss*. Leipzig: Hofbuchdruckerei in Rudolstadt, 1863.

\_\_\_\_\_. *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Trad. Bertholdo Klinger. Rio de Janeiro: Presença, 1966.

KOSERITZ, Carl von, *Bilder aus Brasilien*. Leipzig/Berlin: Verlag von W. Friedrich, 1895.

\_\_\_\_\_. *Retratos do Brasil*. São Paulo: Martins, 1972.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Malerische Reise in Brasilien*. Paris/Muelhausen: Engelmann, 1827-1835.

\_\_\_\_\_. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1989.

SEIDLER, Carl. *Zehn Jahre in Brasilien waehrend der Regierung Dom Pedro's und nach dessen Entthronung*. Quedlinburg, 1835.

\_\_\_\_\_. *Dez anos no Brasil*. Trad. Bertholdo Klinger. Belo Horizonte:

### **6.2. Fontes Secundárias**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ALVES, Ivia. O Discurso europeu e a questão da Identidade Cultural do

- Brasil. In: *Anais do 5º Congresso da ABRALIC*, 1996.
- AULICH, Werner. Von Pathos der Auswanderer. In: *Staden Jarbuch*.  
S.Paulo: Inst.Hans Staden, 1966.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: *Os pensadores*. São  
Paulo: Abril, vol. 34.
- BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*  
S.Paulo : Unesp/Hucitec,1988
- \_\_\_\_\_.Gêneros do discurso. *Estética da criação verbal*. S.Paulo:  
Martins Fontes, 1992
- BARANOW, Ulf von. Zur Literatur über das Deutsche als  
Einwanderersprache in Brasilien. In: *Staden Jahrbuch*. São Paulo:  
Instituto Hans Staden, 1972. v.20..
- BOOCKMANN, Hartmut et alii. *Mitten in Europa. Deutsche  
Geschichte*.Berlin: Siedler Verlag, 1984
- BEUNTIN, Wolfgang et alii. *História da Literatura alemã. Das origins à  
atualidade. I II* Lisboa: Apáginastantas Ed. Cosmos, 1993
- CANSTATT, Oscar. *Repertório crítico da literatura teuto-brasileira*. Rio de  
Janeiro: Presença, 1967.
- CURTIUS, Ernst. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Trad. Teodoro  
Cabral. Rio de Janeiro: INL, 1957.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América – a imigração em massa para a  
América Latina*. São Paulo: Memorial/EDUSP, 1999.
- FOUQUET, C. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São  
Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.
- GOETHE,Johann von.*Werke*. Hamburger Ausgabe, Munchen:Deutscher  
Taschenbuch Verlag, 1988, 14 vol.
- HOLANDA, S.B. de. *Visão do paraíso*. Rio de Janeiro: José Olympio,  
1959.
- \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 17. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio,1984.
- HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança. O dualismo do imigrante*

- alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Ed.da FURB, 1993.
- \_\_\_\_\_.A Literatura dos imigrantes alemães e o Romantismo. In: *Fórum Deutsch*. Revista Brasileira de Estudos Germânicos. Rio de Janeiro, v.6, p.14-20, 2002.
- \_\_\_\_\_.*Marie Luise*. Novela de Therese Stutzer ( Tradução e organização-edição bilíngüe) Blumenau, S.C., Ed. Cultura em Movimento, 2002.
- KUDER, Manfred. *Die Deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien*. Berlim: Ed. Ferd. Dümmler, 1937.
- \_\_\_\_\_. Die deutsch-brasilianische Literatur. Zeitschrift für Kultur Austausch. Stuttgart, 13.
- LOIMEIER, Manfred. Wir haben ein Recht auf eigene Dichtung. Zur Geschichte der deutschsprachigen Literatur in Brasilien. In: *Staden Jahrbuch*, São Paulo, 1995/96.
- PESSOA, Lilian de Abreu. *A imagem do Brasil na literatura de Viagem alemã do Século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1991.
- SOUSA, Celeste H.M.R. de. *Retratos do Brasil*. Hetero-imagens alemãs do Brasil. São Paulo: Arte e Cultura, 1996..
- TURK, E. Os alemães de 1848 no Brasil. In: *Blumenau em Cadernos*, mar., 1999.
-

---